Freud, 170 anos. E daí?

A pergunta que dá título a esta edição da *Alter* não é irônica nem irreverente por acaso. Não se trata de celebrar a data. O próprio Freud escreveu a Zweig: "Odeio cruelmente qualquer festa de aniversário" (Freud, 1931/2017, p. 329). Também não é para que procuremos respondê-la. Poderíamos ficar apenas com isso: precisamos sempre falar, escutar, escrever e sonhar sobre ele.

Adam Phillips (2006) escreveu que ler Freud é para quem deseja descobrir o que as palavras podem ter feito conosco e o que talvez ainda continuem fazendo. Então, diríamos que Freud importa… Ele nos reinventou em palavras e, 170 anos após seu nascimento em Freiberg, na Morávia, suas palavras permanecem vivas, num mundo com inteligências artificiais e no qual começamos a fabricar células sintéticas.

O neuropsicólogo e psicanalista sul-africano Mark Solms afirma que "a cura pela fala é uma cura e ainda é a única cura real que temos na psiquiatria. E, se Freud estava certo, fica claro que muitas das coisas que estamos fazendo atualmente estão erradas e terão de mudar" (Solms, 2026, p. 25). Ele conclui, falando como psicanalista, que esse é sempre um lugar interessante para estar. Não surpreende, portanto, que o nome de Freud seja o mais mencionado nesta edição, quase 200 vezes, em que não convidamos ninguém para falar sobre ele, mas todos o mencionaram.

Podemos anunciar que este número da *Alter* se converteu em um encontro de sonhadores de Freud. Reunimos 13 trabalhos sobre a clínica, sobre os sonhos, compreendidos por Bion (1997/2015) como eventos peculiares, e sobre um presente que Freud não conheceu, mas que suas ferramentas ajudam a explorar. Organizamos o percurso da leitura em três movimentos: Modulações, Eventos peculiares e Inflexões.

Em Modulações, os fundamentos são retomados não para serem repetidos, mas modulados, no sentido musical, em que possamos privilegiar

o encontro clínico. Claudio Castelo Filho abre a seção enfrentando aquilo que esteve na origem do escândalo freudiano: a sexualidade como força primordial da vida psíquica. Seu argumento incomoda deliberadamente, ao mostrar que o moralismo que Freud tanto combateu ainda atravessa a prática clínica de hoje. Francisco A. Duarte, em diálogo com Freud, Bion e tradições tão antigas quanto os Vedas e o *Mahābhārata*, devolve-nos a uma das matérias-primas da psicanálise: a palavra e a potência transformadora do encontro. Orlando Hardt Junior propõe um exercício magnífico: reler "Hipnose", de 1891, não como curiosidade pré-analítica, mas como laboratório de uma questão que nenhuma palavra pode contornar: a influência do campo relacional em toda mudança psíquica.

Victor Farah Brahim e Bartholomeu de Aguiar Vieira referem-se ao supereu hostil do "Compêndio de psicanálise", publicado em 1940, e propõem, com recortes da obra de Ferenczi, a categoria clínica da "criança crítica" que se mostra particularmente importante para a clínica contemporânea, ao situá-la como uma resposta a um ambiente que não pode oferecer à criança uma sustentação suficiente.

Nayanne Meneses, Jordana Carneiro e Deise Amparo perguntam se o analista pode pensar onde o paciente ainda não pôde estar. Na clínica dos limites-extremos, respondem mostrando que a reverie e a continência do analista constituem o primeiro espaço em que a simbolização pode começar.

Em Eventos peculiares, voltamos a "A interpretação dos sonhos", única obra pela qual Freud desejou ser lembrado. Os autores desta seção não o decepcionariam. Temos a alegria de publicar, em tradução de Marisa Mélega, o ensaio inédito escrito por Meg Harris Williams sobre o significado dos sonhos. Com Bion e Meltzer, o sonho deixa de ser apenas realização de desejo a serviço do sono e torna-se evento psíquico, forma de pensamento inconsciente – sonhar é pensar. Meg nos traz ainda exemplos do sonho como solução do real em *Hamlet* e *Édipo rei*. O texto foi escrito exclusivamente para a *Alter*.

João Gabriel Vieira Melo e Guilherme Freitas Henderson mostram que a aparente simplicidade do jogo "Imagem e ação" esconde uma lógica surpreendentemente próxima daquela descrita por Freud para o trabalho

do sonho. Entre o jogo e o rébus freudiano emerge uma forma original de transmitir a lógica do inconsciente. Milton Jeronimides amplia o vértice clínico para além da linguagem verbal e mostra como reverie, arte e experiência estética podem oferecer figurabilidade às experiências emocionais que ainda não encontraram representação psíquica.

Estanislau Alves da Silva Filho, Jansy Berndt de Souza Mello e Emir Tomazelli, em "Sozinho *com* & só", compõem – entre Klein, Bion e a canção *Águas de março*, de Tom Jobim – uma meditação sobre as solidões: a que mata e a que é condição do viver. Em uma imagem poético-literária, o texto afirma que só a tristeza permite que um homem se veja em sua verdade.

Em Inflexões, os autores dobram-se sobre o presente. Márcio Nunes de Carvalho narra, em registro quase de conto, uma análise atravessada pela inteligência artificial e mostra que, sob a batalha contra a "deusa IA", pulsa um palco edipiano que Freud reconheceria de imediato: castração, rivalidade e o dilema de ser ou não ser. José Nepomuceno investiga as tensões entre identidade, identitarismo e desejo, e argumenta que as tentativas de rotular o sujeito esbarram no que constitui o núcleo da experiência psicanalítica: a irredutibilidade do desejo. Ricardo Biz remonta à longa genealogia da psicologização, do individualismo renascentista ao sujeito neoliberal; uma ameaça que a psicanálise precisa questionar, sob pena de ser pensada e, portanto, dominada por ela.

Fechamos esta edição com um documento precioso: a primeira tradução brasileira, por Maria Luiza de Araújo Gastal, de "Processos inconscientes em relação à crise ambiental", que Harold Searles publicou em 1972. Ela foi autorizada apenas para este número da *Alter*. Há mais de meio século, Searles perguntava por que permanecíamos apáticos diante da maior ameaça coletiva à humanidade.

Este número registra também uma transformação editorial: no mais recente ciclo de avaliação da Capes, de 2026, a *Alter* passou da classificação B4 para B3 no Qualis Periódicos, reconhecimento do trabalho de autores, pareceristas e equipe editorial. A esse avanço soma-se a implementação do DOI (Digital Object Identifier), que passa a conferir a cada artigo um endereço permanente e citável no ecossistema científico

internacional e, consequentemente, a ampliação da presença digital da Revista. São mudanças silenciosas, mas decisivas para aquilo que uma revista de psicanálise deve garantir: que o pensamento aqui publicado circule, seja encontrado, citado e discutido, dentro e fora do Brasil.

Então, e daí?

Daí que Freud nos legou um modo de escutar aquilo que não quer ser ouvido, antes de tudo em nós mesmos. Este número assinala que, aos 170 anos, Freud continua sendo a juventude da pergunta. Cada texto aqui reunido a retoma por um ângulo: a sexualidade que o moralismo insiste em domesticar; a palavra que transforma; o sonho que pensa; as invenções e reinvenções que nos fascinam e desafiam; e o planeta que adoece. Se há uma fidelidade possível a Freud, ela não consiste em repetir suas respostas, mas em preservar seu modo de perguntar. Talvez seja isso o que realmente valha a pena celebrar, ainda que contra a vontade do aniversariante.

Boa leitura!

Referências

Bion, W. R. (2015). *Domesticando pensamentos selvagens* (L. C. U. Junqueira Filho, Trad.). Blucher. (Trabalho original publicado em 1997)

Freud, S. (2017). Carta a Stefan Zweig de 28 de novembro de 1931. In S. Zweig, *A cura pelo espírito: em perfis de Franz Mesmer, Mary Baker Eddy e Sigmund Freud* (K. Michahelles, Trad., p. 329). Zahar. (Trabalho original escrito em 1931)

Phillips, A. (2006). Introduction. In S. Freud, *The Penguin Freud reader*. Penguin Books.

Solms, M. (2026). *Freud e o cérebro: a ciência da mente e da cura psíquica*. Manole.

Carlos Wilson de Andrade Filho | Editor
carloswbr@gmail.com

Veridiana Canezin Guimarães | Coeditora
veridianacanezinguimaraes@gmail.com

DOI: 10.67671/alter.2026.01

© Alter, 2026. Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização prévia por escrito da editoria.